

POLITICA GOVERNAMENTAL/LINGUA MATERNA/
CULTURA

SECTOR DE RECORTES DE IMPRENSA

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

É URGENTE UNIR AS UNIVERSIDADES DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

Orlando Raimundo (texto) Vítor Ferreira Alves (fotos)

CRIAR uma Associação das Universidades de Língua Portuguesa e empresas mistas luso-brasileiras — eis o recado, formulado serenamente, pelo homem que maior autoridade possui, num país como no outro, para meditar sobre a amizade Portugal-Brasil: Agostinho da Silva. Professor universitário e fundador de Universidades este gigante da cultura portuguesa viveu 22 anos em Terras de Vera Cruz.

Quando o convidó a fazer um balanço sobre o relacionamento destes últimos anos, diz-me que não se fez praticamente nada: «Muita retórica, muitas visitas, mais turísticas que outra coisa, e pouco mais.» Mas acrescenta, peremptório: «O que é importante é que as raízes comuns se mantêm; agora, que tudo mudou, é que se vai fazer o relacionamento, através sobretudo das ligações económicas.»

Três sinais atestam, em sua opinião, os fundamentos desse optimismo: a instalação, em Lisboa, de um «bom embaixador», o poeta Alberto da Costa e Silva; a visita oficial do Presidente José Sarney; e a criação recente da zona franca brasileira na ilha de Santa Maria, nos Açores, promovida por Moia Amâncio.

Sarney, o sebastianismo e a política do café com leite

«A primeira qualidade dos Presidentes José Sarney é ser do Maranhão, facto que põe um ponto final na política do café com leite», comenta Agostinho da Silva. E explica a circunstância, muito criticada internamente, de o Brasil ter vindo a ser governado, desde há muitos anos, por políticos de S. Paulo (terra do café) ou de Minas Gerais (zona de produção leiteira e de indústrias de laticínios). «De repente — conclui — essa política acabou.»

O Maranhão, zona de fronteira entre o Nordeste e o Amazonas, é um estado sebastianista, onde a herança cultural portuguesa se mantém forte. «De vez em quando — conta o mestre — há pescadores que vêm desembarcar, entre neblinas, D. Sebastião.» A capital, S. Luiz do Maranhão, ostenta numerosas azulejos portugueses e uma arquitectura muito semelhante à zona lisboeta do Cais do Sodré. E há uma lenda, que todos conhecem localmente: a de que o reino de D. Sebastião começará quando um homem, suficientemente corajoso e louco, ousar gritar vivas ao monarca, no preciso momento em que o padre levantar o cálice, em louvor de Deus.

A importância do investimento económico

«A visita de Sarney é fundamental, não apenas por ela própria mas, sobretudo, pelo que vai desencadear ao nível das ligações empresariais e económicas entre os dois países e as antigas colónias portuguesas», avalia Agostinho da Silva. E ironiza: «O Presidente Sarney poderá ser movido pela poesia; é duvidoso que os empresários o sejam.»

Insistindo na importância que a componente económica assume, no projecto de aproximar os povos de língua comum, sublinha que, estamos assistindo a um dos grandes acontecimentos da história, com consequências também extraordinárias para a posição de Portugal na CEE e para a modificação de bastantes coisas na Europa, ela mesma.

Os empresários brasileiros terão — segundo o seu pensamento — todo o interesse em investir em Portugal para vender na Europa. «Se eu fosse brasileiro e empresário não investia no Brasil», observa. E explica o seu pensamento, assim: «Um empresário brasileiro

quase que pode considerar Portugal como sendo um Estado brasileiro, para investir. Fernando Pessoa dizia *à minha pátria é a língua portuguesa*. Um dia, serem todos — portugueses, brasileiros, angolanos, moçambicanos, guineenses e todos os demais — a dizer que a nossa pátria é a língua portuguesa. Vai dar-se esse facto, do investimento, e com duas consequências: o reforço da posição económica de Portugal e o reforço da nossa posição política.»

E vivem os poetas à solta

Essa associação de esforços luso-brasileiros em Portugal possibilitará o fornecimento à Europa não apenas de mercadorias mas, inclusivamente, uma nova maneira de estar na vida, avalia o mestre. «Quando os computadores forem bastante inteligentes, a Europa deixará de ter que fazer» — diz, partindo daqui para uma tese que lhe é cara: a do poeta à solta.

Eis a síntese filosófica: os empresários são capitalistas e o capitalismo está repleto de defeitos; um dia, porém, tanto o capitalismo como o socialismo desaparecerão da face do mundo, já que a revolução que se aproxima, de base tecnológica, determinará a supressão quase completa do trabalho obrigatório. Essa ocupação passará a ser desempenhada pelas máquinas, voltando o homem à sua verdadeira vocação. E essa vocação está inscrita num sentimento que os cristãos sempre citam, onde se determina que o homem deverá ser à imagem e semelhança de Deus. Admitindo a existência de Deus, o do Absoluto, ou de qualquer outra entidade que haja criado o mundo, há que questionar: que faz ele? A resposta será, pois, a conclusão de que ele foi um poeta à solta, já que, partindo do nada, nada haveria a impedir-lhe a imaginação.

Enveredando pela especulação teológica, Agostinho da Silva conclui: «Se nós somos à imagem e semelhança de Deus, devemos ser poetas à solta: na poesia, na matemática, na física, como na contemplação do mundo. Então temos que pegar na economia, que mete os poetas na prisão do trabalho obrigatório, e criar com ela relações sociais e políticas completamente novas, diferentes das que hoje existem. Acho que é possível chegar a tudo isso, apesar de muitos acontecimentos, de hoje e de sempre, serem pessimistas a esse respeito. Nenhum obstáculo é suficientemente resistente à nossa inteligência, intuição e vontade. É uma empresa que Portugal, porque abriu o mundo à humanidade, tem que fazer por diante, abrindo o mundo à poesia. E mostrando, acima de tudo, que o que se fez no passado foi uma base, um primeiro degrau daquilo que tem que se fazer no futuro. Se Portugal não fizer isso, só há uma coisa a dizer: trau. Mas estou seguro de que o fará. E com todos os países de língua portuguesa.»

A ligação dos empresários brasileiros a Portugal arrastará consigo, na observação do mestre, interesses económicos latino-americanos.

Unificar a língua e defender as culturas

Com uma coordenadoria-geral em Cabo Verde ou na Guiné-Bissau, a Associação das Universidades de Língua Portuguesa reunirá os países todos que falam português. A ideia, já esboçada pelo ministro da Educação, João de Deus Pinheiro, e pelo professor Oliveira Ramos, ex-reitor da Universidade do Porto, poderá institucionalizar-se brevemente. Agostinho da Silva apoia a ideia, com o pensamento num outro objectivo ainda: a unificação ortográfica, isto é, a adopção de uma escrita comum, mantendo-se embora as diferentes pronúncias. «Isso não quer dizer, de ma-

neira nenhuma, que defenda uma cultura uniforme. Quer antes dizer que deveramos promover uma cultura geral pluriforme, em que sejam nítidas, bem marcadas, todas as especificidades de cada uma das culturas dos diferentes países, e dentro desses países as culturas das suas regiões, e dentro das regiões as culturas individuais de cada homem. Não haverá nenhum poeta à solta enquanto cada homem não tiver a possibilidade de ser aquilo que é.»

UM GIGANTE DA CULTURA PORTUGUESA

«A PÓSTOLO da heróica cívica» — lhe chamou Mário Soares, num livro. — «Portugal Amordaçado» — publicado em vários países antes de 25 Abril e em Portugal depois dessa data. Nessa obra, o actual Presidente da República enaltece o mestre como um dos homens que mais o marcaram e que sobre ele exerceram uma influência profunda nos anos da sua formação.

Professor universitário e filósofo, nascido no Porto a 13 de Fevereiro de 1906, mestre Agostinho da Silva é um gigante da cultura portuguesa cuja biografia, de tão rica, é impossível de condensar satisfatoriamente no espaço breve desta apresentação. Perseguido pelo regime foi demitido das suas funções docentes, preso no Aljube, obrigado a exilar-se no Brasil.

Licenciado e doutorado em Filologia Clássica na extinta Faculdade de Letras do Porto, foi professor pelo mundo fora; na Sorbona e no Colégio de França (Paris); no Centro de Estudos Históricos (Madrid); nas Universidades do Rio, João Pessoa, Paraíba, Santa Catarina, Bahia e Brasília (no Brasil); nas Universidades de Nova Iorque, Yale, Harvard, Los Angeles e Santa Bárbara (nos Estados Unidos). À parte isso, fez conferências numa imensidão de países, com destaque para o Japão. Fala sete línguas e conhece segredos de outras dez.

Naturalizado brasileiro, por força das circunstâncias, em 1958, fundou naquele país três universidades — Paraíba, Santa Catarina e Brasília — e diversos institutos e centros de divulgação cultural.

A sua bibliografia inclui dezenas de livros sobre filosofia, a história das religiões, a literatura. Uma dessas obras é sobretudo importante para a compreensão do Brasil: «Ensaio para Uma Teoria Geral do Brasil.»

Vítima da perseguição salazarista, o decreto que propunha a sua reintegração, reconquistada que foi a liberdade, acabaria, inexplicavelmente, por ser vetado pelo presidente Eanes.

Homem que ama a vida de uma forma invejável, subleste com a reforma que o Brasil lhe paga, ao reconhecer-lhe oficialmente o título de professor fundador da Universidade Federal de Santa Catarina. Dole se ouvirá falar, muitas vezes mais.

O. R.

Universidade - opines

JAN	FEV	MAR	ABR	M	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
-----	-----	-----	-----	---	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----